

COMUNICAÇÃO

AMOR VIRTUAL E UNIVERSOS PARALELOS*

VIRTUAL LOVE AND PARALLEL UNIVERSES

Carla Beatriz de SOUZA, D. Sc.
Antonios Ianes TERZIS, D.Sc.
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO

Temos visto, hoje em dia, muitas pesquisas focalizando os avanços da informática interferindo nas relações pessoais. Se, por um lado, usufruímos os benefícios das infinitas possibilidades de acesso e contato com outros mundos, por outro, nos deparamos com nossos novos comportamentos frente a estes outros mundos. Para ilustrar estas idéias, apresentamos um caso clínico no qual a paciente, uma jovem senhora de vinte e sete anos, casada há oito anos, tem vivido há um ano uma "relação virtual", pela internet. Este processo tem absorvido-a completamente. Ela sente-se muito distante de seu marido desde que isolou-se em seu mundo paralelo, no qual apresenta uma nova identidade em todos os níveis. Esta nova identidade é inteiramente oposta à de sua vida real. No entanto, a impossibilidade de sentir-se realizada, seja em sua vida cotidiana, seja em seu universo paralelo, desencadeou-lhe um grave processo depressivo. Este exemplo clínico levou-nos a discutir os seguintes aspectos: (1) as experiências virtuais pela internet e os universos paralelos mencionados por Hugh Everett, um físico norte – americano; (2) a questão da ética feminina; (3) as manifestações mobilizadas no grupo pela paciente.

Palavras-chave: relacionamento pela internet, processo grupal, amor virtual, relações de casamento.

ABSTRACT

We have seen, today, many researches focusing how the computing advances can interfere inside the personal relationships. If, in one hand, we have the

(*) Este trabalho foi financiado pelo CNPq.

(**) Endereço para correspondência: Rua São Pedro, 54 apto. 71 - Bairro Cambui - CEP 13025-350 - Campinas/SP - Fones: (OXX19) 9967577 - (OXX19) 2532599 - E-mail: cbsouza@yahoo.com

benefits from the endless possibilities of access and contact with "others worlds", in the other hand, we are facing our new behaviour over these "others worlds". In order to illustrate that idea, we have a clínica I report in which the patient, a young lady, twenty seven years old, married for eight years, has been living for about one year a "virtual relationship", by internet. This process has been absorbing her completely. She feels very far from her husband, since she is isolated in her parallel world, in which she has a new identity related to all levels. That new identity is entirely the opposite from her real life. The impossibility to feel accomplished either in her everyday life or in her virtual parallel universe broke out a severe process of depression. That clinic example leaded us to discuss the following aspects: (1) virtual experiences by internet and the parallel universes that was mentioned by Hugh Everett, a North American physicist; (2) the question of female ethics; (3) the group experiences that was mobilized by that patient.

Key-words: *relationship by internet, group process, virtual love, marriage relationship.*

Um magazine feminino, desses que encontramos aos montes no cabeleireiro, trouxe uma opinião interessante de um psiquiatra que respondia à carta de uma leitora em dúvida sobre a veracidade de seu "amor virtual", iniciado na *internet*. "É tão virtual quanto o encontro que se dá em um ônibus, por exemplo." Obviamente, não espera-se que a questão seja, ali, amplamente, discutida, além do que, poderia-se questionar o tipo de postura dos agentes "psi" nos magazines ou nos programas de rádio ou TV. O fato é que fica-se com a frase na cabeça e esta é uma circunstância mais do que suficiente para que o assunto passe a merecer, mesmo daqueles, que fazem uso restrito dos recursos da informática, atenção especial. Torna-se, facilmente então, observador mais atento a respeito de episódios desse tipo. Portanto, quando, um paciente, iniciou um tipo "virtual" de relacionamento amoroso, via *internet*, não pareceu tão estranho. Situemos Estela para vocês.

Estela tem agora vinte e oito anos. Está casada há oito anos, e não tem filhos ainda. Casou-se por amor, segundo ela própria reafirma, e deseja aproveitar bastante a vida e estabilizar-se profissionalmente antes de decidir-se sobre filhos. Não acha ruim sua vida com o marido, um profissional liberal em ascensão. Apenas acha que é monótona e sem novidade.

Ocorre que, durante esses oito anos, Estela foi ganhando peso e perdendo o antigo excitamento que sentia pelas coisas em geral. Cuidar-se fisicamente, permanecer atraente ao marido, olhar-se com satisfação, por exemplo. É deste modo que não parece difícil compreender que, com o passar do tempo foi distanciando-se, emocional e fisicamente, do marido. O sexo rareou na vida deles, e, se para o marido tornou-se uma necessidade biológica, que pode ser satisfeita com periodicidade, cada vez mais alongada, para Estela é uma concessão que não custa muito, desde que não ocorra em momentos inoportunos.

Sua descoberta da *internet* foi quase casual. Seu trabalho passou a exigir que se informatizasse e os giros pelos *chats* eram sua espécie de lazer, entre uma tarefa e outra. Depois achou que se isso se estendesse ao seu computador pessoal, lhe traria mais divertimento às noites solitárias que tinha. Passou a levantar-se durante a noite, enquanto o marido dormia, para "falar" livremente no computador. Suas noites, de fato, tornaram-se mais dinâmicas. Quando "conheceu" Roberto um pouco melhor, percebeu que era mais que um amigo. Tudo entre eles combinava, principalmente, a excitação de estar diante da tela dizendo tudo que passava pela mente. Aquilo que não dese-

jasse falar, era, facilmente, omitido. O fato de viverem em cidades diferentes aguçava sua curiosidade e protegia-a de algo que não previra. Deixara de falar sobre a obesidade, que a incomodava. A máxima de que a beleza interior é que contava, tornara-se tão verdadeira e fundamental que quase havia se esquecido deste problema, que a afligia mais do que naquele momento. Foi por isso que começou a inquietar-se, quando resolveram, encontrar-se ela e o namorado "virtual", após um ano de relacionamento diário ininterrupto. A certeza que tinha de que amava em tudo aquele homem que, do outro lado da tela, era tão diferente de seu marido, abandonou-a quando começou a preparar a mala que levaria na viagem. A perspectiva do encontro começou a deixá-la muito ansiosa, o medo de ser rejeitada pelo homem que tão apaixonadamente declarava-se diariamente a ela foi tomando conta dela. Um violento processo depressivo invadiu-lhe a existência, diferente de tudo, de modo que ter caído doente foi uma razão mais do que suficiente para não comparecer ao encontro. Isto foi o que disse, posteriormente, ao namorado. No entanto, ela havia comparecido ao encontro. Mas, no aeroporto, ela escondeu-se e ficou observando o surgimento do namorado. Achou que ele coincidia com a descrição feita e era, de fato, muito atraente. Portanto, não teve coragem de revelar-se a ele e voltou, sem encontrá-lo.

O fracasso do encontro ocasionou o primeiro desentendimento entre eles, mas isso está sendo superado com a volta dos planos que começaram a ser feitos para o novo encontro. O adiamento foi considerado por eles como importante para que se conheçam melhor, até que estejam "prontos" para um outro tipo de convivência. Enquanto isso, preenche seu tempo "conversando" com namorado, sonhando com a felicidade que fantasia ao lado dele, enquanto vai se tornando cada vez mais indiferente à presença do marido. Entre o trabalho e o lar, tudo parece desenrolar-se monotonamente sem alterações e se queixas, pois, afinal, seu espaço de realização está reservado, e não lhe trai.

Estela buscou a psicoterapia desde a eclosão do seu com portamento depressivo. Não discute, no grupo, sobre seus problemas com a obesidade, com a compulsão que sente em comer, com o desinteresse que tem sentido pelas coisas que rodeiam. A certeza de que é amada parece bastar-lhe pelo fato de que apenas preocupa-lhe a coragem que ainda não tem de enfrentar o "face a face" com o ser amado. Não parece haver conflito em relação ao marido. Este é tão virtual, quanto o outro, na medida em que permanece paralelo e não lhe intercepta o caminho. Não há relação que os integre e a dimensão do cotidiano que partilham não é sentida como uma dimensão real e possível de transmutação. Junto ao grupo de psicoterapia, Estela mobiliza sensações de expectadores aos outros membros do grupo. Opinam, fazem torcida, incentivam-na ou desanimam-na, de acordo com as fantasias que a história lhes desperta. Tudo desenrola-se como um filme ao qual assistem sem que participem, embora acompanhem a sua construção. Mas é como se tudo não passasse de uma encenação paralela. Estela é uma personagem cuja história estamos presenciando de modo cada vez mais repetitivo e com o sentimento de que tudo isso faz parte do nosso tempo e da nossa forma de viver esse tempo.

Antes que nos acostumemos com expressões do tipo "amor virtual" e a incorporem ao nosso vocabulário, tentemos pensar sobre o seu significado. Liana Bastos (1998) diz que "a história se modifica pela técnica." Estela acredita que está vivendo um amor, via *internet*, e comporta-se como se de fato estivesse. A questão de ser este um amor virtual não representa, em si, um problema, uma vez que faz parte do mundo em que Estela vive esta possibilidade. A ausência de culpa em relação ao fato de viver um amor fora do casamento será vista adiante. Pensemos antes sobre o significado da expressão "virtual". O virtual é uma possibilidade que ainda não se atualizou, é algo que existe potencialmente, mas que ainda não realizou-se. Então, a questão não é que o virtual não seja real.

Não é realidade versus irreabilidade. O virtual tem realidade e existência, diz Liana Bastos. “Não é ilusório, não é imaginário.” Trata-se, apenas, de algo que não realizou-se ainda. Neste sentido, o “amor virtual” de Estela é real e, talvez por isso, os seus companheiros lidem com a sua existência de forma tão natural. O problema do virtual tem a ver com o tempo. Tempo futuro do qual depende a ação que atualiza o virtual. Talvez por isso Estela não possa encontrar Roberto. Não porque ele não a aceite obesa ou feia, mas porque a possibilidade de felicidade se romperá. Felicidade é a espera do gozo. À partir do momento em que realiza-se, ela deixa de existir. Essa dinâmica parece sustentar as virtualidades. Talvez o que deprima Estela não sejam as angústias em torno do receio de ser rejeitada por Roberto, mas o medo da constatação de que a felicidade que tem, periodicamente, projetado para si, tem, sistematicamente, falhado e o que ela não suporta mais é refazer tal projeto. Assim, criando um mundo paralelo, mas virtual, ela não possa atualizá-lo sob o risco de deparar-se com o vazio de sua vida comum, sem lances espetaculares na esfera afetiva ou em qualquer outra.

Há, hoje, uma corrente de pensadores que tem revisto, historicamente, a questão do amor romântico. Por intermédio de variados artifícios, principalmente, os literários, nossas mentes foram moldadas à partir da crença de que nossa realização está na vivência do grande amor e todos os ideais de felicidade concentram-se na esfera do romantismo. De modo que passamos a vida perseguindo este ideal, colocando de lado outras experiências que poderiam ser muito completas.

Um dos articuladores dessas idéias, aqui no Brasil, é Jurandir Freire Costa, mas é, principalmente, na França que tem se produzido os principais trabalhos neste tema. Destaco Alain de Botton (1998) para quem a concepção romântica é um grande engodo e que precisa ser revista. Há mais de uma década estes pensamentos fermentam e, para os que se recordarem, o filme do canadense, Dennis Arcand – “De-

clínio do Império Americano”, já apresentava idéias muito interessantes neste sentido. Em relação a isso, o que podemos associar é que, assumindo que sofremos deste mal, a existência de uma possibilidade como a *internet* vem cumprir, hoje, com maior eficiência – porque mais abrangente, o papel desempenhado por Proust, por exemplo. Então, a questão é que para Estela, a *internet* atualiza aquilo que ela tem absoluta certeza de encontrar – o grande amor que a fará feliz dentro do eterno universo romântico. É possível que ela precise perpetuar isso como possibilidade – por isso “virtual”, a fim de evitar a frustração da constatação de que haver colocado toda a sua existência em uma só área fora um grande erro. A *internet* pode ajudá-la a perpetuar-se nas fantasias românticas, fazendo com que permaneça vivendo duas realidades, como se fossem universos paralelos.

Esta idéia sobre os universos paralelos foi proposta para dar conta dos paradoxos que a Física Quântica fez surgir, à partir da descrição da realidade em termos de probabilidades. Bogdanov (1992) diz que essa é uma interpretação de um mundo onde muitos eventos podem ser descritos como prováveis foi proposta por Hugh Everett que chamou-a teoria dos “universos paralelos”. Isso explicaria a divisão do universo em dois, após o momento da desintegração, originando duas realidades distintas, uma tão real quanto a outra. Assim, esses dois universos seriam desdobramentos de um primeiro, fadados a jamais se encontrarem. É deste modo, ainda segundo Bogdanov (1992), que podemos postular a existência de uma infinidade de universos que nos seriam para sempre interditados, porém, do ponto de vista quântico, coexistentes.

Voltemos ao nosso caso clínico e testemos a hipótese de Everett, este físico norte-americano que, propondo idéias para a sua tese de doutorado em Princeton, concebeu a existência de dois mundos cujas histórias poderiam diferenciar-se, divergirem-se, ou mesmo tornarem-se estranhas entre si. Trataria-se, então,

de realidades que se reproduziriam a partir de divisões infinitas.

Estela divide-se em duas versões de si mesmo e idênticas sob certos aspectos. O que ela está tentando atualizar, via *internet*, é semelhante ao que já tentara e vem tentando em sua realidade cotidiana – ser feliz. É sob o paradigma do romantismo que ela escolhe o marido, a profissão e todos os outros sonhos cabíveis à sua classe econômica e social. Podemos dizer isso numa equação, mais ou menos do tipo:



Portanto, a existência das realidades alternativas ou dos universos paralelos não é o que está em jogo. Nas palavras de Guitton (1992), tratam-se de realidades vituais, ramificações possíveis que podem apagar-se para dar lugar a uma realidade única. Interpretaríamos isso como a realidade final. Completando a nossa equação, teríamos algo, mais ou menos, assim:



Então, é neste sentido que, lembrando algo que dissemos no início, tanto será virtual o encontro via *internet*, quanto num ônibus e a relação que se seguirá a este encontro, seja na

vivência cotidiana, após o casamento, ou na perpetuação dos diálogos noturnos, diante da tela do computador, até que possa ser encontrado um paradigma que se constitua a partir da utilização de novos referenciais que não o do romantismo.

Em relação à questão da culpa – ou à ausência dela – detenhamo-nos por um instante. Se algum sentido faz a hipótese de que as realidades alternativas de Estela sejam parte dela mesma, atendendo à uma demanda de realização pessoal, que é imperativa – busca da felicidade – é possível reconhecermos que é a esta “entidade” que ela prestou o juramento de felicidade. Pensemos, por exemplo, numa cerimônia de casamento. Em geral, ela nos emociona. Claro, tem o apelo das confirmações estéticas – música, flores, palavras especiais. É muito difícil escapar ao bem estar, ao conforto do espírito proporcionado pela beleza. E, não é demais repetir que trata-se de uma correspondência imaginária de beleza ligada à padrões românticos. Deste legado escapa-se? Não sabemos. Mas ainda assim, temos encontrado muitas mentes patrulhadoras, cujo criticismo parece jamais abandoná-las, que confessam terem-se emocionado em uma cerimônia de casamento. Isto, por mais convicto que sejam a respeito do significado social desta cerimônia. Isto, mesmo sabendo o quanto é circunstancial o compromisso da fidelidade. O que comove não é, portanto, o ritual do casamento. Comove a promessa de felicidade que parece contaminar a todos, naquele momento. Acreditamos verdadeiramente nela por instantes, todos nós.

Então, é a este pacto que torna-se fiel, e não, propriamente, ao sujeito, embora isto não esteja claro e todos pensem testemunhar outro tipo de juramento. É possível que, por razões históricas, culturais e, quem sabe, biológicas (?), as mulheres respondam diferentemente a isto, e por isto, talvez, Freud (1933) tenha considerado-as levianas quanto à capacidade de julgar, fazer justiça e sublimar. O enigma da femininidade, como chamou ele, encerra uma espécie de ética muito particular e maleável,

que está diretamente ligada à noção de prazer, por sua vez, remotamente ligada ao prazer primitivo vivido na relação materna. É o pressuposto psicanalítico de que as mulheres, talvez, sejam seres pouco éticos por uma falha na formação do superego, uma vez que o medo da castração é que proporciona a resolução do Édipo no menino e, como a menina já entra castrada nele, e, portanto, não tendo muito mais a perder, é capaz de forçar mais intensa e repetidamente o que lhe é proibido. A mulher “testa” a interdição, num desafio apreendido na fase edípica. São por demais “pessoais” as razões que delimitam a ética feminina, porque mais próxima do narcisismo infantil e, conseqüentemente, mais comprometida com o prazer. Tomando esta noção de prazer experimentado na fase primitiva, é fácil transpô-la para uma noção mais abrangente que comporte a noção de uma vida inteira de felicidade. Os movimentos românticos respondem a isto pronta e perpetuamente. Os contos de fadas terminam, invariavelmente, com a frase: “E foram felizes para sempre”. Nosso imaginário une, instantaneamente, este desfecho ao da promessa feita no altar, e conclui que a vida feliz é o que se deve buscar a qualquer preço. E então, é nesse seu compromisso com a realização de sua felicidade que a mulher não se sente tão culpada quando trai seu marido. Estela vê e sente seu marido tão virtual, quanto o amor que encontrou na *intemet*, pois conviver com a dualidade, ela sabe. O que lhe insuportável é deixar de acreditar que a felicidade, tal qual propôs para si, não pode existir. É comum ouvirmos uma mulher diferenciar a traição que comete com a que é cometida por um homem. “- Mas é que no meu caso, era por amor.” Amor à quem? Ao amante? Não. Amor ao seu compromisso narcísico de ser feliz.

Segundo Kehl (1992), “o primado do amor, a exagerada pretensão à felicidade, a má formação superegóica...” faz com que a mulher “perca as estribeiras...” e se apresente como “aquela que desconhece limites preestabelecidos, que porta noções de transgressão à lei

em nome dos critérios ‘pessoais demais’, que orientam sua ética”, sugere que ainda há muito que se falar e a se formular neste campo.

Uma palavra, ainda, a respeito do posicionamento do grupo em relação ao que era narrado e vivenciado pela paciente Estela. Na maior parte das vezes em que Estela colocava-se neste tema, o grupo reagia de dois modos, invariáveis: por um lado, utilizando-se do contexto, para expor as próprias fantasias associadas à temática sexual e erótica que ouvia; por outro lado, procurava aplicar-lhe alguma lei, funcionando como superego. Essa necessidade é observada como significando a necessidade de proteção do grupo para que ele não se rompa, não se destrua. Esta instância edípica – interdição, pela lei paterna – é fundamental à sociedade, é o que garante a sua continuidade e precisa prevalecer, nos movimentos grupais, a fim de que eles permaneçam existindo. Então, é fundamental que ela tenha se sobreposto ao movimento de expectador que identificava-se, predominantemente, com os prazeres de uma visão e uma escuta erotizada e descomprometida com as regras e os interditos.

Tomando o exemplo dado por Bastos (1998), a cena analítica atualiza o tema – passado ou futuro – por intermédio da transferência. Quando analista e paciente embarcam rumo ao inconsciente, trata-se de uma viagem na qual o “real é sustentado na corporeidade dos viajantes.” Tudo é virtual – viagem, analista, relação analítica. Nem mais nem menos que todas as outras. A *interne t* não é, em si, aquilo que se interpõe no caminho dos relacionamentos humanos. Ainda segundo Bastos (1998), “a relação do homem com a máquina só pode ser pensada sobre o paradigma da complexidade, no qual sujeito e técnica compõem uma história que merece ser investigada.” Também ouvimos de Sebastião Salgado (1996) a alusão de que não há substituição ou sobreposição do homem pela máquina. Eles não se contrapõem. O braço mecânico do *robot* repete o movimento

ancestral do braço humano. Não é a máquina que afasta o homem do homem. Na história de Estela, vimos que ela reproduz na sua relação amorosa, via *internet*, a curva de sua própria história. Encontrar o que busca não é dificultado pela presença da máquina. A virtualidade que atualiza-se ou não em sua história associa-se a fenômenos seus para os quais não haverão subterfúgios se a virtualidade vivida por ela, em sua análise, puder conduzi-la na reconstrução – virtual ou não, quem sabe o que é isto, afinal? – dos paradigmas da sua própria história.

BIBLIOGRAFIA

- BASTOS, L.A.M. *Clínica psicanalítica e contemporaneidade*. Trabalho apresentado em mesa redonda, no I Encontro do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região, de 29 a 31 de maio de 1998.
- BOTTON, A. *O movimento romântico – sexo, consumo e romance*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- GUITTON, J. BOGDANOV, G., BOGDANOV, I. *Deus e a ciência, em direção ao metarrealismo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.
- FREUD, S. (1933[1932]). *Femininidade*, in: *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. ESB. Vol. XXII. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- KEHL, M.R. *A mulher e a lei*, in: *A ética*. Organização de Aauto Novaes. São Paulo, Companhia das Letras e Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- SALGADO, S. Comunicação pessoal.